

Deponente: Luiz Gonzaga de Souza Lima

Entrevistador: Maria Céres Pimenta Spínola Castro e Vanuza Nunes Pereira

Data: 13 de junho de 2017

ENTREVISTADORA: Ok. Nós estamos aqui hoje, no dia 13 de junho de 2017, para ouvir o depoimento de Luiz Gonzaga de Souza Lima, que foi presidente do Diretório Central dos Estudantes da Universidade Católica de Minas Gerais, hoje Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, a respeito da sua experiência, como a vivência, a sua experiência como liderança estudantil, como resistente a Ditadura e como pessoa que foi presa muitas vezes, ele vai nos contar o seu depoimento, a sua história. Muito obrigada, Gogo, por estar aqui, atendido o nosso convite, e a gente agradece mais uma vez à FUMEC por essa colaboração.

LUIZ GONZAGA: Tá certo. Olha, eu é que agradeço o convite, porque eu já tinha até sido convidado pra prestar depoimento na Comissão da Verdade do Rio de Janeiro, mas eu achei que eu não era do Rio de Janeiro e não vivi lá no Rio de Janeiro então não tinha porque eu prestar depoimento lá. E guardava essa ocasião para atender o convite de vocês, que veio e que é uma alegria para mim, porque eu sinto que vivemos um momento especial hoje e vivemos um momento especial naquela época. E é importante, eu compreendi depois, muito tempo depois, que era importante eu vir, pra como se eu fosse falar para a história do Brasil, a história do meu país, para o meu povo no futuro saber como que as coisas ocorreram aqui, quem é a gente, o que nós fizemos e porque que nós fizemos as coisas e o que aconteceu a partir da nossa ação. Eu sou um... “Porquê que eu estou aqui?”, essa seria a primeira coisa para responder. Eu estou aqui, eu sou um jovem do sertão, que vivi no sertão, Montes Claros, até 14 anos, achando que eu nunca ia sair de lá, que minha vida ia ser toda lá. Eu me perguntava se eu iria estudar e ser professor, se eu ia mexer com gado e fazendinhas, igual o meu pai. A gente não era um grande fazendeiro, papai era uma pessoa de classe média, mas vivia muito anos na cidade. Casou com a mamãe, que também era pobre, mas era uma família que vivia muito, há muitos... Dizem que desde o início. Meu pai é Souza Lima e o minha mãe é Lopes. Então era lá que eu vivia, era lá o meu universo. Vim para Belo Horizonte com 15 anos pra ele tratar da saúde, ele vinha de avião, ficava em hotel, aí chegou uma hora que ficou tão caro que ele passou a pensar em alugar uma casinha e alugou uma casinha e trouxe os dois filhos menores, eu com 14 anos e uma irmã minha com 13, e aí começou a

minha vida em Belo Horizonte. Com 15, meu pai morreu. Eu e todos nós lá em casa tivemos que ir trabalhar, porque ficamos pobres, essa é a verdade, quer dizer, já éramos médios e sem papai ficamos pobres. Fui trabalhar na USIMINAS como Office Boy. E na USIMINAS estava sendo construídos os novos office boy, a gente andava para tudo quanto é sessão para servir café, para pegar papel de um lado para outro, e eu conhecia todas as pessoas, todos os lugares, e estudava. Eu acabei com 15 anos o curso ginásial e comecei fazer o científico no colégio Estadual porque era grátis e eu tinha passado na seleção, mas eu trabalhava até 18h00min no Edifício Dantês ali no centro da cidade e nessa hora os ônibus são muito cheios, eu nunca conseguia chegar no colégio na hora certa, então eu ia ser reprovado por frequência, porque eu perdia sempre as primeiras e a segundas aulas que eram mais ou menos ligadas, só podia entrar depois. Ai tive que mudar para o Colégio Marconi, que era próximo aonde eu morava, no Prado Mineiro, e era pago, tinha essa dificuldade, de ser paga, ser um colégio particular. Mas foi lá no Marconi que ocorreu a transformação profunda na minha vida, que foi o encontro com as ideias políticas. Foi lá que eu me politizei, e diante de uma situação especial, assim. Aumentaram a anuidade, era eu que pagava, a mensalidade na época que se chamava, né, e tivemos que fazer um movimento pra abaixar a mensalidade, ou para ter bolsa, ou pra ter sessão, ou alguma solução, e essa solução foi encontrada... Não foi encontrada, porque não tinha órgão de representação, era uma coisa, assim, tratado cada um... Era, o diretor gostava da cara, dava uma bolsa, permitia atrasar e não tirar da sala, essas coisas. E chegou um certo momento, ele falou que nós não tínhamos com quem tratar então ele ia resolver assim: ia criar uma comissão, ia tratar os casos pessoais. Nós resolvemos fundar um diretório, de noite, do povo de noite, e isso ai mudou minha vida, porque ao tentar fundar o diretório, não tinha diretório no Marconi... Há?

ENTREVISTADORA: Põe a mão aqui não, que está atrapalhando o som.

LUIZ GONZAGA: Não tinha diretório lá no Marconi e isso vai sugerir e proporcionar um encontro político importante. Esse encontro político não ocorreu na escola, ocorreu na USIMINAS, na páscoa de 1961, então eu estava com... ia fazer, estava com 17 anos e meio, ia fazer 18 anos em novembro... Na realidade eu estava com 16 e meio, porque eu nasci em 44, mas meu pai registrou quatro filhos juntos em 1949, então, de acordo com a certidão de nascimento, que é de 1949, então eu fui registrado como nascendo em 43, onde eu nasci foi em 44, mas eu fiz todas as coisas beneficiados, quer dizer, fiquei maior de idade antes, fiquei mais do que um ano mais velho, eu só descobri aos 34 anos, que foi uma idade que eu comemorei duas vezes, fiz dois aniversários de 34 anos, já no

Brasil, na volta do exílio. Então eu tinha 16 anos e meio, de fato, mas 17 anos e meio, quando fomos organizar a páscoa da USIMINAS e o professor, que foi nos confessar, perguntou o que eu fazia, onde que eu estudava, se eu fazia alguma atividade na minha escola, eu falei que estava fundando um diretório para poder lutar contra o aumento da mensalidade e ele então falou: “É? E qual colégio que é?”, “Marconi.”, “Ah, você é do Marconi. Você é o Luiz Gonzaga lá do Marconi?” Eu falei: “É, sou. Como é que o senhor sabe?” Ele falou: “não, têm uns estudantes que têm um movimento ai, são católicos e eles são de manhã, eles estão querendo fundar um diretório e tinha me falado desse diretório que está nascendo de noite e que tinha um tal de Luiz Gonzaga. Então é você?” Eu falei: “É, sou.”, “Você é membro de algum partido?” Tinha uns partidos me paquerando, a Polop estava me convidando para participar de umas discussões, a gente... Era como se eu estivesse sendo nucleado, ampliado, né, como se eu estivesse sendo recrutado pela Polop. Tinha toda uma pedagogia do recrutamento político na juventude naquela época: dar coisas para ler, dar... Debater, convidar... E ai então eu falei que estava sendo convidado, que tinha recebido coisas para ler, mas que ainda não tinha decidido. Ele falou: “Nós temos um grupo! Nós temos um grupo que faz as mesmas coisas, que quer as mesmas coisas, e que é católicos. Já que você é católico, vai lá no nosso grupo.” Então eu fui, aceitei o convite, ele falou: “Vai. A gente vai se reunir num sábado de tarde.” Ai eu fui, no Convento dos Dominicanos na Serra, num sábado de tarde, e lá eu encontrei o Frei Beto, o Henfil, o Jair de Sá, o Luiz Gonzaga Pacheco e tantos outros, e me surpreendeu, e eles todos eram já politizados, de esquerda, bem informados e sabiam falar e que tinha então, é mesmo, tinha esse grupo. E eles não estavam, o povo do Marconi, não estava conseguindo fazer o diretório, faltava liderança, faltava ação, essas coisas de criar instituição política, é uma... Precisa de uma série de conexões, não é uma coisa que surge, assim, porque um quer. Então eu já entrei na JEC, aquela tarde fazendo parte de um grupo político da JEC. O grupo da JEC cuidava de política estudantil. Estava lá também Tomaz Haroldo, que depois foi até reitor da UFMG, o Baiano foi presidente da União Metropolitana, União Metropolitana dos Estudantes, a UMES e... Então ai começou o meu processo de engajamento na política através da esquerda católica e tomei parte. Tive a felicidade de entrar em um momento muito vivo e, na ação católica, ali na Rua da Bahia, a gente se reunia em uma casinha cedida pelo PDC, Partido Democrata Cristão, que era em cima dos Diários Associados, e então dava para a gente conviver. Foi quando eu descia para tomar café, convivía, os jornalistas, via. Para mim já era coisa... Eu, jornalistas, tomando café, conversando...

LUIZ GONZAGA: Para um jovem que há dois anos atrás tinha saído do sertão mineiro, eu já estava metropolitano, estava dentro da cultura, não é? E aí, nesse intervalo, enquanto eu me reunia, me formava, fiz parte, fui convidado imediatamente para ser parte desse grupo político da JEC, e onde teve uma pessoa que teve uma influência imensa sobre mim, que foi o Jair de Sá, que faleceu outro dia, foi da direção nacional da AP durante muitos anos, e teve na China, não é? Foi uma pessoa muito especial da esquerda brasileira, a quem eu rendo todas homenagens que eu puder. Toda hora que eu puder. Uma outra pessoa que aos poucos eu fui conhecendo, foi o Betinho, o irmão do Henfil, eu me lembro dessa comissão da qual fazia parte o Henfil, que assistia as reuniões fazendo desenhos, desenhos lindos, uma vez eu dei uma opinião e a hora que acabou a reunião ele tinha feito um desenho com a minha opinião, tinha traduzido a minha opinião em um quadrinho maravilhoso, que se encontra jogado nos papéis que o exército jogou fora, que recolheu da minha casa para nada. Então foi o Betinho e o Jair de Sá que tiveram uma influência muito grande para mim naquela época, pessoas a quem eu admirava pelo esforço de estudar. O Betinho, inclusive, com grandes problema de saúde, não é? Ele era hemofílico, muito frágil. E o Jair trabalhando, ele estudava na Escola Técnica Inconfidência, que funcionava no Parque Municipal de Belo Horizonte, não sei se ainda existe isso, essa... E trabalhava. Eu e ele trabalhávamos. E através dele eu consegui, uma tarde lá, entrar em contato com uns trabalhadores da JOC. A ação católica antigamente, ela era dividida entre homens, mulheres, adultos, crianças e tal. Aí depois teve uma mudança e a partir do ano 50 seguiu um pouco o modelo Frances, que era estudantes, operários, camponeses, e então tinha a JEC, da qual eu fazia parte, e tinha JOC. A JOC tinha os operários católicos, e aí eu tive contato com alguns militantes da JOC, e metalúrgicos, e eu era o metalúrgico, trabalhava na USIMINAS, era metalúrgico. Então aí começamos a conversar sobre o Sindicato dos Metalúrgicos, e eu então mais falante, já mais formado, porque estudava, não é? Eu comecei a, uma vez por semana, assim, a nos vermos ali, eles faziam reunião na mesma hora, e aí começou a nascer uma intimidade minha com o povo da JOC, com os metalúrgicos, e resolvemos fazer uma atividade lá no sindicato. Eles perguntaram se eu ajudaria. Eu ajudaria. Eu trabalhava o dia inteiro, estudava de noite, mas ajudaria no meu trabalho, difundiria o que a gente quisesse fazer. Mas não foi, não tivemos a felicidade do sindicato apoiar, o sindicato era do Partido Comunista desde 1946, dirigida, o sindicato era dos metalúrgicos, mas dirigido pelo Partido Comunista desde 1946, era uma espécie de feudo, porque, para o Partido Comunista, metalúrgico era a vanguarda da classe operária só pelo fato de ser

metalúrgico, não é. Então não foi possível, o sindicato não permitiu que a gente desenvolvesse uma atividade porque a gente era católico. E teve uma tristeza muito grande do grupo, eu então dei uma receita no movimento estudantil para eles. Eu falei: “Olha, a gente em um movimento estudantil, mesmo quando a gente não tem nenhuma chance de ganhar, a gente faz uma campanha para poder se apresentar, não é? Ver o quê que os outros estudantes vão achar, pra perder, pra ganhar, não tem esse negócio. A gente não faz política só para ganhar, a gente faz política para elevar o nível de consciência das pessoas, não é? Pra se posicionar, para eles serem informados que existe a nossa posição... E aos poucos eles foram gostando da ideia e gostaram, e aí uma figuraça chamada Ênio Seabra, eles contataram Ênio Seabra, esse Ênio Seabra achou boa a ideia e aos poucos foi se agregando. O Mário Bento, não é? E o José Márcio, e eles aos poucos foram achando uma boa ideia, resolveram fazer uma chapa. Convidaram um antigo líder operário lá, que tinha sido derrotado por uma eleição pelo Partido Comunista, então já era mais conhecido, e que foi um erro profundo, porque depois esse líder traiu e... Traiu não, né, ficou com o golpe depois, traiu. Então eu assisti a reunião que eles fizeram a chapa. Construíram a chapa e... Legal, tudo pronto. Aí então o Ênio Seabra falou: “Não, mas falta um menino!”, e o menino era eu. “Falta um menino. Tem que entrar no negócio. Ele que animou a gente. Falta ele! Temos que pôr ele!” Aí tiraram um lá para me colocar na suplência da representação de não sei quê, da federação. Na realidade, já naquela época, os sindicatos tinha os cargos titulares de suplente, era uma equipe, todo mundo era uma equipe, uns eram titulares, outros suplentes, mas era tudo igual, não sei se hoje é muito diferente do que era. Era uma equipe de pessoas e cada um tinha que ser distribuída em uma função na chapa: o cargo de presidente, secretário geral, vice-presidente, tesoureiro, eram uns cargos que era, tinha uma certa força, o resto era tudo igual. Então nós nos candidatamos, a chapa que eu chamei, e que eles assumiram o nome, uma chapa Testemunho, sabe? Era para testemunhar pelos cristãos, também os católicos, nós éramos a favor da ascensão da classe operária, éramos a favor da ascensão ao poder da classe operária, da emancipação do Brasil, da independência do Brasil, essas coisas simplórias que significava o nosso discurso da época. E fomos eleitos, para a surpresa nossa e dos... Partido Comunista, que não acreditava. Tentaram pedir impugnação das eleições, mas tinha sido tudo limpo, tudo tão tranquilo, e tentaram até impugnar, porque o... Quando a eleição foi em 62, não é? E em 62, em setembro de 62 eu ainda não tinha 18 anos e... Mas aí, quando tomamos posse em 63, eu já tinha, então não foi um problema isso aí. Eu

virei dirigente do Sindicato dos Metalúrgicos de Belo Horizonte, aos 18 anos formais e 17 informais, que era o principal Sindicato dos Metalúrgicos do Brasil, que ainda não tinha o ABC, o grande ABC. Bem, eu estou falando isso aqui, porque foi um primeiro contato político que eu tive com a política brasileira, foi esse do, da JEC, Colégio Marconi, no diretório, do Sindicato dos Metalúrgicos e da eleição. Veio o Golpe de 64. Eu sou da gestão que foi afastada, punida, perdemos direitos sindicais, emprego, fui mandado embora, e foi até por isso que eu depois tive a alegria de ser reconhecido e anistiado, e fui preso pela primeira vez. Eu tinha, na metade de 63 eu adoeci com uma nefrite e tive que ficar seis meses de cama, era três meses, mas não melhorou, então eu fiquei mais seis meses, mas não foi a recaída igual à dengue de hoje, foi mesmo que não tinha melhorado, tinha que rigorosamente comer sem gordura e sem sal, e dormir de pé pra cima, e eu nem sempre fiz isso, aí tive que fazer, aí melhorei. Vocês sabem que dia que eu voltei pro Brasil... Voltei ao trabalho? Minha licença terminou dia 31 de março, eu iniciei, o Brasil do Golpe eu iniciei voltando ao trabalho, não é? E foi engraçado, porque logo depois saiu no jornal um edital me convocando para depor dentro de um quadrado, né, convidando para depor em um inquérito policial militar, mas eu não consegui nem ir, porque eles foram lá me prender. Foram lá, me prenderam, no escritório da USIMINAS, com medo que eu, tendo publicado o edital, que eu fugisse, e eu estava sofrendo ainda, convalescente, e essa foi a minha primeira prisão. Me levaram para o quartel do 12RI, e de lá eu iria pra Neves. Então eu fui conduzido na presença do coronel, que chamava Coronel Grossi. Esse Coronel Grossi mandou me chamar, a gente estava várias pessoas na sala esperando para serem chamadas. Quando eu fui chamado, ele me olhou assim, sabe, eu completamente pálido, super magro, esquelético, não é, ele falou o seguinte, perguntou para o ajudante de ordem: “Mas esse é o perigoso comunista?” O cara falou: “É!” Ai ele me olhou assim, deu a volta, entorno a mim, me deu um pé na bunda e falou: “Vai embora, que é menino, eu não interrogo, criança eu não interrogo.” E não me mandou para Neves, mas me mandou, foi embora. Voltei para o trabalho, o pessoal até achou que... Foi de manhã que eles me levaram, o pessoal até achou que “nossa! O Luiz se ferrou. Agora já vai lá pra Neves”, foi o que pessoal que foi me buscar, do exército falou lá com o pessoal da USIMINAS, porteiro, esse povo todo. Então essa foi minha primeira... Confronto com o Regime. Para vocês terem uma ideia, eu tinha decidido me dedicar à vida sindical, trabalhar para o sindicato era a coisa mais importante, trabalhar para ascensão da classe operária, para libertação da classe operária, quanto mais eu

ficava de esquerda mais eu amava e respeitava o trabalho com a classe operária. Mas aí eu fui, deixei...

LUIZ GONZAGA: Deixei de ser metalúrgico, perdi, fui embora do sindicato, perdi os direitos sindicais, e fiquei um ano, 64, sem saber o que eu fazia. Desarticulado, assim, da política, aí eu resolvi voltar para a universidade. Segui a universidade, né, porque eu não tinha, eu já podia ter feito vestibular em 64, mas aí eu fui, estudei, vi um curso que eu podia ser compatível, com o meu interesse, com a possibilidade de trabalhar e fui estudar psicologia na Universidade Católica de Minas Gerais, no UCMG, e quando... Assim eu entrei, eu procurei o pessoal da JUC para poder reintegrar-me à política e a militância e... Antes, eu preciso fazer um pequeno parêntese aqui, que a memória faltou... Em 1961, quando eu me politizei, em 62, quando a gente a chapa do sindicato e quando a gente... Eu também participava do diretório estudantil, e junto com esse negócio do sindicato. Eu tinha feito uma proposta de a JEC fazer uma espécie de JECP, JEC... Ou JECT. JEC dos que trabalhavam, porque os que trabalhavam, tinha muita gente que trabalhava em companhia de seguro, muita gente que trabalhava em banco, muita gente que trabalhava... Metalúrgico eram poucos, mas tinha muitos casos da Belgo Mineira também, além de mim. Então nós, como estudantes politizados, comprometidos com o futuro do Brasil e com o destino da sociedade brasileira, nós tínhamos a possibilidade não só de fazer movimento estudantil, mas de fazer movimento sindical. Então a gente podia fazer movimento sindical nas escolas, mobilizando o pessoal pra participar das atividades sindicais, e propus que fosse criada a JEC dos estudantes que trabalhavam, é óbvio que o pessoal da JEC olhou tudo de banda e não toparam, era um negócio meio elitista, cheguei a propor... O Frei Beto me convidou para uma reunião no Rio de Janeiro, em 1962, onde eu, com toda energia, defendi isso aí, é uma reunião nacional da ação católica. E eu vi, assim, o silêncio que ficou de espantados. “Que coisa esquisita que esse menino veio propor aqui. JEC é JEC, JOC é JOC! Já tem tudo, não é?” E então começou a ter um confronto e a igreja começou a interferir, seja na JEC, seja na JUC, seja na JOC, porque a gente estava ficando de esquerda, então começou um processo, através do qual os militantes da ação católica começaram a vislumbrar uma perspectiva diferente. Já que não era possível fazer política como Ação Católica aliado dos comunistas, aliada das esquerdas, não é? Que a igreja estava incomodada com isso, estava excluindo, querendo excluir a gente desse, desse lugar que tinha dentro dela, então comunismo não pode fazer, se for aliado do Partido Comunista então não pode ser dentro da Ação Católica. É o drama que JUC vivia, porque passou a ser uma força

importantíssima dentro da universidade brasileira, hegemônica, a maior força política, não é? Elegeram os presidentes da UNI em 61, em 62. E aí começou uma discussão interessantíssima de fazer um partido político a partir das ideias de cristãos esquerda, sem falar de cristianismo, um partido político, cujo objetivo era a construção do socialismo, partindo das condições brasileiras e então construiu um socialismo original para o Brasil, não é? Porque nós também não éramos marxistas, então isso vai levar à construção de Ação Popular. Eu participei das reuniões preliminares muito ainda jovem, participei da reunião que fundou a AP, que foi aqui em Belo Horizonte, então eu sou fundador desse partido político. Teve, formalmente esse documento, a fundação do partido, foi apresentado em um congresso em Salvador, que eu não fui, mas a reunião que teve aqui em Belo Horizonte, que foi aquela que fundou mesmo a AP nessa está lá, não deve ter mais ata, mas tinha e está lá minha assinatura. E a partir daí, inclusive, do meu vínculo operário com o sindicato, desenvolveu-se, aprofundou-se minha relação com Betinho, com o Jair, né, sobre tudo com essas duas figuras. Então eu passei a dar para mim mesmo, dentro de minha militância na AP como uma coisa muito mais importante do que a minha participação na JEC, participação movimento estudantil, porque a AP era operário, era camponês, era o trabalho de base, assim, do movimento de educação de base, né, ligado à Liga Camponesa, ligado ao trabalho no campo. E aí então, quando eu volto para a universidade, fecha o parênteses. Em 65, quando eu vou para a universidade, eu entrei em contato com o pessoal da AP e pedi um contato, que eu não sabia mais quem era, e me mandaram uma pessoa da direção, Paulinho Rochedo, que conversou comigo, pediu para eu chamar algumas pessoas, eu chamei alguns colegas da Psicologia e ele fez a proposta de a gente se transformar no núcleo da AP, lá na Psicologia da PUC. Óbvio, os outros não toparam, naquela situação, golpe de Estado, né, repressão, aceitar fazer parte de uma organização política, isso que nós tivemos, a felicidade de ter a coragem de fazer, não era uma coisa normal, as pessoas tinham medo. Então, o seguinte, eu aceitei. Aceitei, virei coordenador da implantação da AP, da reorganização da AP na UFMG... Na UCMG, na Católica. E foi assim que eu pude conhecer algumas pessoas dessa Comissão da Verdade, entre as quais a companheira Ceres Pimenta, foi aí que nós nos conhecemos, e Emely, não é? Foi no trabalho que eu fiz de reorganização da AP na Católica. Me dediquei de corpo e alma a esse trabalho. E aí então eu entrei em contato com a política de confronto com o regime militar, a política de oposição, porque eu tinha feito só a política que foi atingida pelo Golpe, depois do Golpe, como eu não fiquei na USIMINAS e não estava estudando em colégio nenhum,

né, 64, eu não tinha como me opor, aí eu entrei em contato com a oposição e foi um campo novo. E com a oposição de esquerda, né, que tinha reajustado os seus objetivos depois do Golpe de Estado. O objetivo depois do Golpe de Estado era de derrubar o governo militar e não ia derrubar o governo militar... Para fazer o quê? A gente queria fazer o socialismo, não é? Então era derrubar o governo militar para implantar o socialismo. Era esse objetivo da, não só da AP, mas das organizações de esquerda do nosso país. Então foi nessas condições que eu tive a possibilidade de participar de algumas coisas, de algumas atividades importantes, as quais depois eu vou me referir, mas... Em função dessa participação generosa e entusiasta que eu tive, em 1967, 50 anos atrás, nesses dias estava tendo um congresso, estava se preparando o congresso da UNE de... Vinhedo, né, aquele perto de São Paulo, logo ali, mais na fronteira, ali perto de Poços de Caldas...

ENTREVISTADORA: Ibiúna.

LUIZ GONZAGA: Não, Ibiúna foi de 68, foi a que caiu. Eu acho que foi... Não me recordo. Acho que chamava Vinhedo o lugar. Então eu fui participar desse congresso da UNE, e termino nesse processo a vida da minha universidade, da Católica, me indicando pra ser o candidato a presidência do DCE. Eu, inclusive, se sua memória, Céres, lembra, eu não podia. Eu precisava trabalhar. Eu trabalhava em um cartório, digitando, que eu escrevia à máquina muito bem e sem errar, e para bater certidões em cartório precisava escrever rápido e sem errar, então eu tinha esse bico em um cartório ali, que funcionava no Edifício Acaiaca, e me atrapalhava a vida, a vida da família e tal e coisa, mas mesmo assim o compromisso com o Brasil foi mais forte. É uma coisa incrível, não foi só uma atitude minha: foi de tantos. Importava um sacrifício a mim, a minha família, mas eu não recusei a ter um papel de assumir minhas responsabilidades e de aceitar campanha do DCE. Fui eleito com uma margem imensa de voto, tinha, não teve nem oposição o que mostrava a força que a gente tinha dentro da universidade. E tomei posse dia 25 de novembro de 1967, dia do meu aniversário, então há 49 anos e meio. Veio depois as férias, não é? Na qual a gente se dedicou ao planejamento e do que a gente ia fazer. Íamos fazer seminários...

LUIZ GONZAGA: Sobre o Brasil, sobre a realidade brasileira, não é? Onde a gente poderia convidar pessoas e onde a gente poderia recrutar militantes pra amplificar a força das esquerdas. Não funcionou nada! Foi tudo errado, porque a polícia do Rio matou o estudante Edson Luiz e isso levou o movimento estudantil brasileiro pra um campo novo, o campo de se confrontar com o Regime Militar pra mostrar para a sociedade brasileira a

natureza do Regime. Então isso virou a pauta do movimento estudantil brasileiro, e todo o projeto que a gente... Que isso foi início de fevereiro, final de fevereiro, eu acho, Edson Luiz, uma coisa assim, ou início de março, todo... Tudo que a gente tinha feito nas férias não valeu nada, porque a gente saiu para denunciar a Ditadura, o assassinato do estudante pobre no restaurante estudantil, não é? Que era o Calabouço. E nós vimos como a sociedade estava sedenta de denúncia e de quem tivesse a coragem de mostrar que aquilo era uma Ditadura. Eu tinha tido, enquanto eu organizava a campanha do DCE, meus colegas metalúrgicos, Marcio Bento, José Márcio, Ênio, eles estavam organizando uma greve operária-metalúrgica contra o arrocho salarial. Liberaram a inflação e congelaram os salários. Era proibido dar reajuste, as empresas estavam proibidas de reajustar. Então foi feita uma... A primeira greve operária do Brasil, setembro de 1967, em Contagem. Depois, em 1968, em maio, vai ter uma outra. Nessa entra Osasco também, povo de Osasco fez, mas a primeira greve operária brasileira foi feita pelo meu povo lá do sindicato, os meus companheiros, eu já estava ligado ao movimento estudantil e tal, né, já era candidato a presidência do DCE, não participei, mas Belo Horizonte estava... Essa greve foi engraçadíssima, porque não foi organizada nas fábricas, foi organizada nos bairros. Não tinha com quem negociar, porque não foi organizada pelo sindicato, foi organizada fora do sindicato. Para vocês terem uma ideia, o Ministro do Trabalho do governo da Ditadura teve que vir aqui, em Belo Horizonte, falar pela televisão, negociar pela televisão, primeiro ele falou: “Vocês voltam ao trabalho, porque senão nós vamos baixar o cacete!”, ninguém voltou, aí na segunda fala, ou na terceira fala, não sei, ele já concordou que tivesse um pequeno reajuste para, aí o pessoal voltou ao trabalho, e aí estava rompido o arrocho salarial. Primeira vitória. E foi engraçado porque não se podia nem comemorar a vitória, porque não tinha a liderança, não pôde falar: “Nós ganhamos! Vamos reunir!”, não pôde, porque a liderança era clandestina. Mas isso, pra vocês terem uma ideia da putisse que a sociedade brasileira estava com o arrocho salarial e com a Ditadura, então quando tem um crime na universidade lá no Rio de Janeiro, e que nós saímos pra denunciar, não é? Foi chocante! Aí, eu era presidente do DCE, eu fui pra rua. E fomos pra rua meio trêmulos, não fazia

parte da atividade normal nossa ir para a rua protestar. Virou, mas não era. Então a gente foi pra rua, e o povo apoiou. Foi uma primeira manifestação aqui em Belo Horizonte, pequena, mas o povo ficou das janelas dos prédios aplaudindo e jogando... Jogando papel, jogando flor, jogando uma porção de coisas, a gente sentiu abraçado pela sociedade, não é? Foi uma atividade, foi um momento importante da minha vida pessoal, momento importante do Brasil, que me deu coragem pra continuar. Daqui há 15 dias, faz 49 anos da manifestação dos Cem Mil no Rio de Janeiro. Para vocês terem uma ideia, nossas manifestações não ficaram tão famosas, mas nesses dias, talvez hoje, que é dia de Santo Antônio, não é mesmo? Talvez, nesses dias, a gente fez uma imensa manifestação aqui, em Belo Horizonte, que tinha, segundo as avaliações, vocês podem ver aí na imprensa, em torno de 30, 35 mil pessoas, isso significava mais do que a manifestação de Cem Mil no Rio de Janeiro, dada a população de Belo Horizonte, para vocês terem uma ideia do tanto que... No primeiro semestre, essa luta foi acumulando. Reprimiam-se os estudantes, a gente fazia manifestação contra repressão. Reprimia, a gente fazia nova manifestação contra a repressão, e foi assim, numa subida, numa ascensão, e a população que apoiava continuava a apoiar, apoiava muito mais, não é? E foi engraçado, porque dava um frio na barriga, a gente ali, em geral ali no Acaiaca ou a Praça Sete... O Acaiaca, a Praça e região, a igreja que tem em frente, a igreja São José ou na Praça Sete, era os lugares de onde saíam as manifestações e era ali que ia a polícia. E vocês sabem que começava, e começava, era minha responsabilidade, eu cumpri a responsabilidade do grupo da Federal também, o Jorge Batista, depois o Athos Magno da Costa e Silva, e então a gente começava a bater palma, abaixo a Ditadura e saía pra rua. Em geral tinha uma pequena faixa, o pessoal saía, saía pro confronto, saía e ia acontecer, iam reprimir. E aí juntava tanta gente junto e acabava tendo a manifestação e a polícia agredindo, mas aí tinha, tinha, saía, sabe? Saía e caminhava dois, três, quatro quarteirões que fosse, mas caminhava e engrossava e o povo batia palma e aplaudia, e aí depois era dispersa, não é? Em geral, a gente conseguia chegar até, mais ou menos, até a Rua da Bahia, esquina da Rua da Bahia, aí o pau quebrava de um jeito tal que não dava pra continuar, não é? Mas eu quero falar que, ao lembrar disso tudo, pra falar pra vocês que vão ouvir, muito tempo depois, eu mudei tudo que eu ia falar ao lembrar disso, e vocês vão entender ao final da minha fala o porquê, não é? Então eu assumi essa responsabilidade, junto com os companheiros da AP da Católica, junto com os companheiros da AP da Federal, junto com os companheiros dos outros partidos, de

conduzir um enfrentamento político à Ditadura a partir das universidades e a partir de nós, da nossa vivência, e conduzimos. Conduzimos esse enfrentamento o ano inteiro, não é? Eu não participei de tudo, porque eu fui preso no dia primeiro de maio. Teve uma manifestação na Secretaria de Saúde, operária, estudantil, na qual eu falei, e que na saída a polícia estava toda e o exército estava todo lá, e foi uma agressão brutal pra todo mundo que estava dentro da Secretaria, e eu consegui pular uma cerca de ferro, de grades, que cercava a Secretaria, não sei se ainda hoje tem essa cerca, que ela é no meio do jardim e tinha cercado por uma coisa. E...

ENTREVISTADORA: Na Augusto de Lima, perto do Mercado.

LUIZ GONZAGA: É, perto do Mercado. E eu consegui pular, não entendo como que eu consegui, e fui direto, que eu tinha sido atingido muito pelo gás lacrimogêneo, sabe, explodiu perto de mim duas e eu estava chorando, com dificuldade de respirar, chorando, lacrimejando, né, com dificuldade de respirar, mas eu consegui pular e fui para o aparelho onde eu estava naqueles dias. Aparelho, vocês já deve ter se habituado com essa fala aqui, com essa dicção, era os lugares onde a gente ficava pra fugir da casa da gente, onde a gente era um objeto fácil de encontrar, não é? Então eu fui preso no dia primeiro de maio no aparelho, e fui preso pelo exército, e eu estava tão cansado, que eu cheguei e deitei em um sofá ouvindo um disco, a trilha do filme Um Homem e Uma Mulher, e eu dormi. Acordei com uma coisa meio fria, assim no meu rosto, até achei que fosse alguma coisa, um bicho... Era uma metralhadora. E fomos todos levados para o quartel, porque estava lá a Mercedes Pires, a Marília Pires e o Wilmar do Vale Barbosa, um líder secundarista, que hoje é professor em Juiz de Fora, na Universidade de Juiz de Fora, professor de Filosofia, esteve comigo em Milão também.

ENTREVISTADORA: Quem?

LUIZ GONZAGA: Exilado. Wilmar do Vale Barbosa. Ele era um líder secundarista que estava no aparelho por um acaso, tinha passado lá, não sabia muito bem porquê. Então eu fui preso no dia primeiro de maio e saí...

LUIZ GONZAGA: No dia 14 de julho. Eu lembro muito bem que foi 14 de julho e a tomada da Bastilha, não é? Foi o dia que eu saí, 15 dias antes que meu *habeas corpus* fosse julgado. Fui preso outra vez, no dia 9 de agosto e saí no dia 18 de outubro, uma semana depois da queda do congresso de Ibiúna. Então, dos meus... Do meu ano de mandato, se vocês considerarem que janeiro e fevereiro, dezembro e janeiro e fevereiro foi férias, desses nove meses eu fiquei quase seis preso, não é? As lembranças da prisão... Eu fui preso a segunda vez no dia 8 de agosto de 1968, eu fui preso que a gente

resolveu fazer uma panfletagem na porta da universidade, então os alunos estavam fazendo panfletagem, estava tendo... Na hora que eu ia, presidente do Diretório do Serviço Social, Maria Lúcia, descemos para fazer a, dar força para a panfletagem e tal, eu fui agarrado pelo pipoqueiro e por um ambulante, e aí veio gente correndo do outro lado, era Avenida Brasil ali, né, e eu acho que prenderam eu e ela também, não prenderam? Prenderam nós dois, quer dizer, eles sacavam a liderança, sacavam quem eles queriam prender, e prenderam praticamente dentro da universidade, no passeio da universidade. Aquilo foi um golpe muito grande pra mim, porque eu lutei e ela também lutou pra resistir, e os estudantes assistiram, imobilizados com o quadro. Então, eu podia falar só do que aconteceu nessas duas prisões, nesses quase seis meses, mas eu acho que todo mundo que me prendeu, que me deu porrada, que me torturou, já é todo mundo público. Todos foram acusados, todos foram comprovados, todos foram condenados pela alma brasileira, não foram condenados justiça, mas foram condenados pela pureza da alma brasileira que existe, não é. Foram os que violaram tudo o que podiam violar, fizeram todas as violências. Eu tinha até preparado umas notas aqui sobre isso, mas eu resolvi mudar a minha fala. A repressão, ela é uma repressão em cima da esperança de uma mudança, da vontade de mudar, da esperança que pode ser diferente, não é? Tem que ser reprimido pra poder continuar igual é. E a esperança, nos diz Santo Agostinho, outro dia o artigo do Bofe lembrou isso muito bem, ela tem duas filhas queridas: a Indignação e a Coragem, é isso que Santo Agostinho fala. Eu vou falar da coragem, o que eu vou falar aqui, tudo é em relação à coragem. Eu acho que a nossa coragem é inexplicável, e eu fiquei buscando compreensão para essa coragem, e é isso que eu espero continuar falando pra você aqui. De onde veio coragem para pessoa de 20, 22, 23 anos enfrentarem uma máquina repressiva profissional? Centenas de milhares de pessoas profissionais, dedicando o tempo inteiro ao Exército, DOPS, Marinha, Aeronáutica, CENIMAR, seja o que fosse, para nos vigiar, pra nos punir, pra nos agredir, e o resto das tropas todas cumprindo ordem: “É pra quebrar! É pra quebrar!” Como foi quebrado o Binômio, não é? Como foi quebrado as invasões das universidades. Eles iam e cumpriam as ordens. Aquela máquina. Era uma máquina terrível, e eu estive lá com eles seis meses! Eu sei! Sofrendo lá na mão deles! E de onde veio a coragem? Como que... Eu quero falar da coragem porque é uma coisa importante, é uma qualidade importante da generosidade do povo do Brasil com o futuro e a esperança sobre esse país. Porque repressão, já tinha tido muito na história do Brasil. A própria

universidade era uma universidade meia repressiva, na história da universidade. Pra vocês terem uma ideia, ninguém contava nada na universidade, só o sistema de poder. Algumas universidades brasileiras, os reitores ficavam 15 anos, 20 anos, sendo seguidamente nomeados, não tinha... Era um pouco uma paz dos túmulos, não mudava nada. Vai ser em 1961, em 62 que os estudantes brasileiros vão fazer uma gigantesca mobilização com a chegada da pena UNE, não é? Uma gigantesca mobilização para, e fizeram uma greve para um terço, reivindicando um terço de representação no conselho universitário. E aí, aqui começou a mudar a universidade brasileira. Aliás, essa luta mudou a universidade brasileira, essa luta mudou muita coisa no Brasil, essa luta. Mobilizou o povo da UNE, do CPC da UNE. O CPC da UNE, vocês precisam pensar, era Augusto Boal, era o Oduvaldo Viana Filho, era o Ferreira Goulart, não é? Era tantas pessoas. Tem um que eu estou esquecendo o nome... Era o Leon Hirszman, era o... Esse povo de cinema, não é? Mas tem um nome aí que eu estou esquecendo de lembrar, mas vou lembrar... Esse povo saiu o Brasil inteiro fazendo um negócio chamado o Alto dos 99%. 99%, era que tinha acesso à universidade só 1% da sociedade brasileira, 99 estava fora, não tinha nenhuma chance de chegar na universidade. Então vai... Foi tentando mexer com a universidade, a universidade foi virando um lugar onde você podia respirar política, respirar liberdade, respirar esperança. Nós vivemos, nossa geração teve uma universidade a partir de 65, 66, nós somos devedores dessa geração anterior que criou a política dentro da universidade e que voltou a dar um papel político para os estudantes, diferente daquele de antes, da era Vargas e tal, que era um papel de político pra entrar na política, nos partidos. Não! Essa aqui foi uma política pra abraçar o povo, os destinos do povo e transformar o Brasil, é uma política diferente, não é? E... Eu acho que a gente tem que, eu quero propor aqui... De fazer algumas considerações, que eu mudei nesses últimos dias, e a dengue me ajudou, porque eu tive que ficar quieto, pensando, sobre a coragem nossa. O quê que nos levou sem... Olha, se algum de nós tivesse um bom senso, a gente ia concluir que era um enfrentamento inútil, e cujo destino já estava decidido: nós íamos perder, eles iam matar a gente, torturar a gente, eles tinham todo o poder pra fazer isso. E, no entanto, não foi essa a nossa atitude. Eu, vamos pensar, eu acho que essa coragem tem primeiro a enganação, da qual nos fala Santo Agostinho, e eu aí penso por mim, vou dar o meu depoimento. Acho que tem a ver com o fato dessa geração que estava na universidade nesse momento ter crescido e educado muito no interior, ou na cidade, mas muito no interior mineiro durante o período, a escola criada pelo Vargas, sabe? Então, por exemplo, eu cresci, e fiz o primário em Belo Horizonte, em

Montes Claros, e aprendi que o Brasil era um grande país! Que o nosso hino nacional era o mais bonito, que as pessoas tinham inveja do Brasil por causa dos nossos heróis, Duque de Caxias e não sei o que, éramos invejados, a nossa bandeira era a mais bonita, o nosso hino era o mais bonito, o Brasil era gigantesco e tinha a Amazônia, e tinha os pampas e tinha o litoral, e tinha tudo e era um grande país, não é? E foi isso que aprendi. Amar o Brasil, era amar um país poderoso. Os hinos, nas escolas a gente aprendia os hinos, não só o hino nacional, sabe, aprendia os outros hinos também. Hino da bandeira, hino, aquele que depois vai ser da NL, da LN, da música, né, “ou viver a pátria livre ou morrer pelo Brasil”. São esses hinos todos a gente estudava. Nós estudava em um caderno, os cadernos da escola brasileira, eu digo os cadernos da escola brasileira que era os que eu usava e que os meus colegas tinham, não tinha esse negócio de caderno espiral, com capa de automóvel, aquela coisa, não. Era o caderno avante, era um escoteiro com a, empurrando a bandeira nacional, e atrás de cada caderno tinha hino da republica, hino da independência, hino nacional, hino da bandeira, não é? E esses hinos a gente cantava, ensaiava. Quando eu saio de Montes Claros, eu saio para a grande cidade de Belo Horizonte, cidade construída...

LUIZ GONZAGA: Planejada, e uma cidade daquele gigantesco Brasil. Então quando, em 61, eu entro na JEC, a JEC estava organizando, e no Marconi, um seminário sobre a realidade brasileira, esse seminário sobre a realidade brasileira era uma coisa que se repetia em tudo quanto é lugar, com outras pessoas, com pessoas diferentes, mas até na universidade nós fizemos isso. E eu então fui ouvir uma conferência de um ilustre professor chamado Mello Cançado, e nessa conferência, eu entrei nela de um jeito e sai de outro, porque nessa conferência eu aprendi, sabe aquele gigantesco país, orgulhoso de si mesmo, que o povo todo tem inveja? Não existia. Eu senti a mesma coisa que eu senti quando eu descobri que não tinha Adão e Eva. Eu tive uma formação católica, “Adão e Eva não tem mais? Não tem mais.” Então se descadinou alguma coisa na minha cabeça, dentro da minha alma. Eu vi o seguinte: o Brasil era constituído de uma maioria de pessoas analfabetas, doentes, pobres, exploradas, e em benefício de uns pouquinhos que eram ricos e do estrangeiro. Eu não conseguia fazer perguntas, mas eu não consiga! Fiquei tão perturbado que a única coisa que eu consegui perguntar para ele foi na saída, onde que ele tinha esses dados. Ele falou comigo: “Estão em todos os lugares, em todos livros, em todos os relatórios da ONU.” Eu sai humilhado. Eu sai com pena do povo brasileiro, sai sentindo uma afeição do povo brasileiro. Ai eu comecei a lembrar: “É mesmo! Nas fazendinhas do meu pai, lá, que não era latifúndio, eram fazendas, tinha os

agregados que moravam lá com suas famílias, que trabalhava, cuidava da terra, do gado, lá não tinha escola, lá não tinha medico, lá não tinha hospital, era na beira do Rio Verde não é. Eles morriam tudo debaixo (trecho incompreensível) morriam cedo, morriam de malária, qualquer doença morriam, os meninos com que eu brincava depois virava o leiteiro, depois virava o roceiro, depois virava que dirigia o gado e boi não é, eles eram analfabetos, eu vivia com eles e eu não me dava conta disso, eles eram doentes e analfabetos. Então eu acho que o susto que o Brasil urbano, a natureza real da sociedade brasileira que era até então rural, a maioria da população vivia no campo, isso foi um fatos decisivo assim a indignação que provocou nessa geração. Depois eu acho que um outro fato que eu acho que estimulou a coragem... tem jeito de desligar esse ar condicionado ai que eu estou meio febril.

ENTREVISTADORA: Eu vou pedir ele, pelo menos pra controlar mais.

LUIZ GONZAGA: Aumentar no máximo possível. Bem, depois você acredita?

ENTREVISTADORA: Acredito, se você continuar pode.

LUIZ GONZAGA: Então a outra coisa é sobre a natureza, o conflito político dos anos 67,68, que terminou sendo um conflito entre cultura e estado. Eu acho que nos fomos desenvolvidos, a geração minha da universidade foi envolvida pelo confronto entre cultura e política.

E ai eu quero explicar o que significa isso que estou falando, a cultura brasileira ela é diferente de todas as outras culturas conhecidas, ela é diferente porque em geral as culturas são muito integradas, então elas tem (trecho incompreensível) comportamentos, instituições, tudo mais ou menos tem um significado e esta tudo em coerência, tudo coerente não é. Então você pega, por exemplo, a cultura japonesa, os valores japoneses, é tudo ligado a uma etnia, quer dizer existe uma relação direta entre território, etnia, tradição, cultura, valores, comportamento, então a cultura japonesa, a cultura chinesa, a cultura alemã, a cultura árabe, a egípcia, russa, eles vão construindo isso, e essa relação cultura integrada etnia, território, historia, seria aquelas culturas na qual nos morríamos de inveja, e uns até continuam tendo inveja não é. E a cultura brasileira, ela é de outra natureza, ela é construída não de povos que vai vivendo e acumulando conhecimento, ela é construída de povos que foram destruídos, que perderam suas referencias culturais, não é. Os africanos varias tribos, África oriental, África do norte, África (trecho incompreensível) que eram etnias diferentes, povos diferentes, línguas diferentes, tácticas religiosas diferentes, tradições diferentes, eles estão destruídos, assim como os índios estão destruídos, o Brasil é construído foi historicamente construído por povos

destruídos. E os dirigentes que construíram esse amontoado de povos destruídos pra poder fazer uma economia e fizeram uma economia, uma das mais importantes economia do mundo, sempre foi entre as mais importantes economias do mundo, durante 450 anos o Brasil foi o maior produtor, durante muito tempo o único produtor para enriquecimento de muita gente, mas era produzido por esses povos destruídos, desmanchados, esses povos vão se misturar, e se encontrarem em outros lugares do planeta, mas não se misturaram. Aqui eles se misturaram, e aqui eles tiveram, faz parte da natureza dos humanos, namorar, encontrar, ter amigo, fazer musica, quando que naquela senzalas de africanos de todas as origens, de índio, de muitas tribos, falavam línguas diferentes, os índios não falavam a mesma língua não é. Hoje existe no Brasil catalogado 220 mil línguas indígenas ou 240 dizem que tem ate mais. Então muitos falavam uma língua, os africanos também não falavam a mesma língua. Teve um projeto, foi derrotado, a sociedade não aceitou ser lusitanizada, essa população não aceitou ser luzitanizada, aprendeu a língua portuguesa, criou uma língua portuguesa diferente, cheia de palavras árabes, cheia de palavras africanas, cheia de palavras indígenas, não é. Então a nossa cultura foi sendo feita, por pessoas originais, (trecho incompreensível) pessoas originais. Eu ao escrever, um livro que tem um capítulo importante sobre cultura, eu tenho estudado psicologia eu me dei conta o seguinte, voces imagina que nunca tinha existido uma pessoa que não era nada, não era índio, não era africano, não era português,

E esse cara que nasce no Brasil, ele tinha crise, trabalhando com um pai português, criado pela uma mãe índia, pela mãe negra e às vezes estava na senzala não é. Esse cara ele tinha todas as possibilidades e o direito de pirar, não era nada, não tinha referencia cultural nenhuma! Podia pirar, ficar doido! E eram muitos deles, eles não piravam, eles começaram a dar vida a símbolos, a inventar formar de namorar, a inventar olhares, a inventar instrumentos musical, pra você ter uma ideia o birimbal é um arco de índio com uma cabaça, embora tenha criado sistema dos afro descendente. Então eles foram criando alguma coisa, umas manifestações, manifestações religiosas que eles achavam que era da áfrica, eles não lembravam mais, manifestações do que acharam que era dos índios, e foram aprendendo, e sendo obrigado a participar de coisas que

eram dos europeus, que era o comando dessa sociedade, dessa loucura, da criação e foram criando uma cultura diferente, porque as outras culturas são unitárias pode chamar assim, elas tem aquela unidade etnia, territorial, historia valores, comportamento institucional da população, a nossa não tem, a nossa é múltipla, a nossa é múltipla, ela incorpora coisas que são ate contraditórias não é, a gente tem na nossa cultura muita coisa da áfrica, e às vezes as pessoas que praticam aquelas coisas são racistas, por que...

LUIS GONZAGA: Receberam muito mais influencia dos dominadores, então a nossa cultura pelo fato de ser múltipla ela exige democracia, ela exige liberdade não é. Então o que vai ocorrer, é que naquele momento essa cultura, esta indo do subsolo, e ganhando os céus, ganhando os espaços, ganhando os corações e as mentes brasileiras. Não é um momento que o nosso teatro, momento exuberante do nosso teatro, é um momento do nosso cinema, não é. Nosso cinema novo, da nossa musica, então isso foi surgindo e surgiu de uma forma tão bela, que a sociedade brasileira foi se apaixonando por ela mesma, pelo jeito dela de jogar futebol não é. Que era como se chama o Nelson Bandeira chamava, complexo de vira lata, nos sempre achava que o era pior que os outros, não conseguia ser europeu, não conseguia ser japonês, não conseguia ser alemão, não conseguia ser nada, que nos éramos inferiores, de repente a gente começa a ver que nos éramos múltiplos, plurais, que nos éramos criativos. Então começa a surgir a nossa poesia, a nossa musica, o nosso cinema, a nossa literatura e nessa grande importância de pessoas, de criadores culturais, nesse (trecho incompreensível) estava. E a imprensa começa a dar espaço pra isso, a conviver com isso, a aceitar isso, então essa complexidade da cultura brasileira, começa a ganhar forma e ser reconhecida. É ai que as escolas de samba aparece como uma coisa importante, e a poesia, por exemplo, você imagina vida e morte Severina, você imagina (trecho incompreensível), muita coisa, podia ficar aqui uma manhã inteira citando produtores culturais que nos deram tantas coisas importantes não é. Que era o que, incorporar o jeitão brasileiro como cultura própria e o que vai acontecer ao incorporar? O que vai acontecer que vai receber um grande (trecho incompreensível) do mundo inteiro, que vai reconhecer que vai ganhar palma de ouro do caçador de promessa, nos vamos ganhar o concurso de teatro universitário vida e morte Severina, nos vamos ganhar duas copas do mundo, nos vamos ganhar... e vamos sair ganhando coisas, reconhecimento mundial pra aquilo que a gente era, eu acho que a hora que o golpe de estado foi reprimir a cultura brasileira e foi a cultura brasileira que se confrontou com ele, a imprensa brasileira, a literatura brasileira, a poesia brasileira, o

cinema brasileiro, mostra o que. De um lado a nossa cultura ela não é permeável a autoritarismo, ela é democrática na sua essência que ela é múltipla. Do outro lado mostra também, que a direita, os militares, as combinações, não conseguiram fazer uma cultura pra direita, da denominação, nos tivemos aqui uma cultura nazista e não podemos ter, porque a cultura nazista precisa ter aquela cultura singular, de etnia, historia, língua, (trecho incompreensível) então você pode, outra etnia não serve, é inferior.

Nos não temos essa possibilidade, nos não temos a possibilidade de uma cultura fascista, o fascismo italiano. Então o regime não construiu uma cultura de regime, e a cultura que existe é a única cultura que nos tínhamos não aceitava autoritarismo, porque não podia aceitar aquilo que é contra ela. E os estudantes nesse momento, nos tivemos, nos apaixonamos pela nossa cultura, olha em 65, quando eu entrei na universidade minha turma na qual fazia parte Emili, Arlete Campolina, Aluisio Pinto Dias, nos tínhamos escolher, a semana do calouro, não sei se ainda existe essa pratica na universidade, o calouro descobre um congressista, os calouros eles fazem uma grande festa, recebem uma grande festa e que o calouro organizava e dava o nome que quisesse, a nossa chamava-se psicodélica, o nome de psicologia o nome foi psicodélica e resolvemos chamar como congressista, o Roberto Freire, jornalista também que tinha acabado de escrever um livro chamado o elo e Daniel, não sei se já ouviram falar desse livro?

ENTREVISTADORA: Eu li.

LUIS GONZAGA: É um livro fantástico, é um livro assim é uma explosão de liberdade de jovens livres sabe, então por isso que nos convidamos, ele estava trabalhando no teatro universitário da 65, era o Chico Buarque, ele tocou ali no pátio da católica, tocou colher de pedreiro, olé, ola. A fala do Roberto Freire foi num sedia rio. Colocou todos diante da possibilidade de rebeldia, de busca de liberdade, liberdade é liberdade, não tem fim, não tem limilita, liberdade não tem mais, leiam esse autor Roberto Freire, ele já faleceu, mas deixou coisas lindas. Depois de Leo e Daniel, ele escreveu também um outro muito importante chamado coioite. Então a gente, quando você ligava o radio, o que se ouvia era a bossa nova, o que era que veio trazendo só a bossa nova? A bossa nova veio na realidade, vem trazendo o morro vem trazendo o samba, (trecho incompreensível) o Tom Jobim, o morro não tem vez ele fez em (trecho incompreensível) vai mudar tudo né. Tom Jobim não é homem de esquerda, vendo as coisas de Vinicius e depois na narra leão vai trazendo o Jose Quet vai trazendo o João do Vale, não sei se voces já ouviram falar nessa figura João do Vale. Já ouviram falar do João do vale? Pois é, essa figura João do Vale foi recuperada pelo teatro universitário, universidade federal do Rio de Janeiro, se

reunia lá, mas chamava teatro opinião, e ele é autor da musica chamada carcará que é a musica que trouxe a Maria Betânia pro cenário musical brasileiro, era cantada pela Nara Leão, e ela teve uma (trecho incompreensível) então teve que arranjar uma cantora para substitui - lá no teatro opinião e veio a Maria Betânia e não só continua, mas Nara Leão uma grande cantora, musa, precisava (trecho incompreensível), mas era ela que cantava, era uma engajada, então João do Vale, é um cantor sertanejo, um cantador sertanejo. O Deckert era um sambista de musica, que a Nara Leão trouxe pra gente.

O Sergio Ricardo, que fez as musica de Deus e diabo na terra fiscal, fez buscando o povo, e que eu tinha o prazer de conhecer o Glauber Rocha não, ele se agitava e fazia assim esta uma merda, precisa de mais compromisso, mais povo, mais não sei o que, mais ele cantava, não tem que cantar com mais força, tem que cantar... E ai no dia assim maravilhoso, ele abriu a trilha sonara deus e o diabo na terra do sol, o Jequet, ele fazia sobre o opinião, eu não saio não é, de onde eu estou. O muro...

ENTREVISTADORA: Não tem, já foi demais.

LUIS GONZAGA: Podem me prender podem me bater que eu não mudo de opinião, daqui do morro eu não saio não. Porque estavam querendo acabar com o morro. Então eram musica com reticências, então a juntude foi envolvida por esse crime de confronto entre, por exemplo, a imprensa brasileira, as pessoas que valiam à pena, todas eram criticas no Brasil. Stanes Laou, ponte preta, que um critico social de elite do Brasil, ele escreveu um livro e ficou famosíssimo, é o FBAP, festival de besteira que assola o país, onde ele contava coisas absurda que os militares iam fazendo todo o dia, então o pessoal, o Brasil começou a rir ironizar esses militares. Então ate conservadores, pessoas de direitas como Nelson Rodrigues, diante da censura de teatro, censura nas festas deles, não aceitava não é. A imprensa chegando vista em São Paulo, foi ai que o cara brincou comigo uma pessoa de esquerda, mas que passa há escrever todo dia contra o regime, então o seguinte, teve uma, porque o regime queria censurar o teatro, o cinema, a televisão, a literatura, então a cultura brasileira se confrontou com o regime na impossibilidade de criar uma cultura própria e tendo a cultura plural a autoritarismo, ocorreu esse confronto cultural a universidade exprimiu esse confronto cultural de forma política. A universidade assumiu, tentou, me levou a diante esse confronto. Sobre tudo...

LUIS GONZAGA: Não é, que ai o regime vai radicalizar mesmo, vai (trecho incompreensível) e sai pra porrada, e ai ele consegue evitar o crescimento político das oposições. Mas não consegue evitar o abraço da juventude com a cultura brasileira, porque o tempo vai se seguir, o pessoal não vai poder fazer manifestação, mas eles vão

colocar a mochila nas costas e vão encontrar Jeriquacara, Porto Seguro, vão encontrar o interior do Brasil não é. Vai ser por ai, então o compromisso da juventude brasileira, da minha geração, com a cultura brasileira, nasceu na política, um confronto com o regime militar e continuou cultuando a cultura que vem até hoje nessa caminhada. Agora eu acho que a decepção do que a gente aprendeu no regime Vargas e esse envolvimento com as forças democráticas da cultura brasileira, isso foi à base do que eu considero que fosse a coragem, que estimulou a nossa coragem. E depois no ano de 68, essas nossa lutas das quais eu tive alegria, o prazer, a felicidade de dirigir um pouquinho, um pedaço dela aqui no meu estado querido Minas Gerais, cidade que eu amo Belo Horizonte, tem um (trecho incompreensível) que é não só a coragem sabe, mas é a criatividade, quer dizer nos deitamos naquela máquina repressiva com uma criatividade que eu... que é difícil explicar de onde ela veio, por exemplo em 66, eu estava na equipe que organizou o congresso da UNI e que reorganizou além, a UNI foi reorganizada em Belo Horizonte em 1966. Belo Horizonte era o centro de política importantíssimo das esquerdas, pra vocês terem uma ideia vários partidos de esquerda nasceram em Belo Horizonte, ação popular nasceu em Belo Horizonte, a POLOP nasceu em Belo Horizonte, a COLINA, quer dizer de alguma forma houve em Belo Horizonte, teve uma participação decisiva, a dissidência do partido comunista nasceu em Minas Gerais, em Belo Horizonte. Nós éramos o centro importante e demos vida a essa... a um período muito criativo, eu vou mencionar aqui três coisas da nossa criatividade pra dizer, resolvemos fazer o congresso da UNI em 1966 aqui pra reorganizar a UNI, alguém aqui dos depoimentos já falou sobre esse congresso de 66 em Belo Horizonte?

ENTREVISTADORA: Nos temos informações, mas queremos te escutar.

LUIS GONZAGA: Há?

ENTREVISTADORA: Queremos te escutar, temos informações, mas queremos te escutar.

LUIS GONZAGA: É então onde fazer o congresso? Nos convocamos o congresso aonde? Nas entidades, eu estava, era auxiliar, numa comissão pra arranjar comida e dinheiro pra comprar comida, esse era o meu papel. Então foi convocado o congresso na UNI, o governo proibiu o congresso da UNI, falou que não aceitava, não é, que era proibido, é crime participar desse

Congresso e veio ameaçando e nos fizemos o congresso. Esse congresso foi feito de um modo fantástico, as pessoas, uma semana antes, todos os participantes já estavam em Belo Horizonte, em casa de amigos, em casas que a gente arranjava que um grupo trabalhou para arranjar (trecho incompreensível) então uma semana antes o governo pra você ter uma ideia, bloqueou, criou posto de posto de bloco nas estradas pra pegar os ônibus, pra fiscalizar os ônibus e os aviões, mas já estava todo mundo aqui. Vigiam tudo que é faculdade, tudo quanto é lugar público, pra não deixar ter a reunião do congresso, o congresso da UNI, foi construído, foi realizado no subsolo da igreja do Carlos Prates, onde os franciscanos toparam e que foi proposto a eles um esquema pra ser seguro pra eles também não é. Pra vocês terem uma ideia as pessoas iam, primeiro a gente tocou na igreja as comidas, (trecho incompreensível) tudo que podia, desde papel higiênico, guardanapo, o que fosse comida, pra não encontrar nada, não sair pra comprar nada agora, em Ibiúna, compraram os pães todo da cidade, e aí o povo ficou sem pão, alguma coisa misteriosa esta acontecendo aqui não é. não já estava tudo comprado antes, as pessoas iam pra missa, iam pra fila de comunhão e tudo, cristão, todo mundo ia pra fila de comunhão em vez de voltar pra coisa, voltava pra...descia a escada e voltava pro subsolo. Então nem os paroquianos notaram que tinha alguma coisa de estranha não é, que podia ter e realizamos o congresso da UNI. Foi eleito novo presidente da UNI, o Guedes, (trecho incompreensível)?

ENTREVISTADORA: Não, mas é, eu conheci, então eu estou falando nome.

LUIS GONZAGA: Foi eleito o Guedes e reorganizou e saiu toda a imprensa. Ah e tinha a imprensa brasileira, diário social, folha de São Paulo, revista realidade, tinha uma revista da época, veja, todos, quando saiu todo mundo, isso com o governo, com a cidade fechada, com se fosse bloco, com as universidades vigiadas, e aí saiu na imprensa brasileira, fotos narrativas, descrição, do congresso, falando do quorum elevadíssimo que teve e que estava reconstruindo UNI e uma nova diretoria da UNI, então foi uma derrota imensa do governo. Assim como a greve de 67, a reconstrução da UNI em 68, foi quem sabia fazer esses negócios? Ninguém! Ninguém, mas fizemos. Já a reunião do congresso da UNI de 67, esse eu era da comissão mineira que coordenou esse congresso, coordenava, a ida dos mineiros. Então...você teve nesse congresso, teve Maria Lucia foi (trecho incompreensível).

ENTREVISTADORA: 67.

LUIS GONZAGA: É 67, então nos bolamos um jeito seguinte, a liderança ia, as pessoas eram (trecho incompreensível) escola, presidente acadêmico, iam pra escola, eles começaram a ir muito tempo antes, igualzinho aqui.

Então a gente ia e qualquer lugar que se chegasse ia-se pra vários lugares e depois de lá ia para Poços de Caldas. Em Poços de Caldas, tinha uma equipe que levava as pessoas de Kombi, pro lugar do congresso, onde também já estava sumida, do contrato. Pra voces terem ideia como é que ia saber ninguém conhecia todo mundo, não tinha quem conhecesse todo mundo não é, e quem conhecia todo mundo não podia esta lá de bobeira para receber as pessoas em Poços de Caldas, que ia preso, porque também era conhecido não é. então nos tivemos que bolar um sistema eu não sei quem bolou, um sistema de senha e contra senha, sabe então tinha que esta em frente à rodoviária de Poços de Caldas, em um pequeno jardim, no qual estaria uma pessoa, que era varias pessoas, cada um ficava uma hora, ficava sempre uma pessoa no banco, com um jornal folha de São Paulo na mão. Então a senha (trecho incompreensível) “o senhor pode me dizer onde é o correio?” Essa era a senha, claro, e o cara respondia o seguinte, “sei sim e vou te indicar!”, era uma coisa (trecho incompreensível) milhares de acasos não é. então, isso todo mundo achava o cara, só recebia essa senha? Ninguém tinha que perguntar, a quem tinha que perguntar na hora de sair o ônibus, seja de Montes Claros, seja de Uberaba, teve gente lá de pertinho que teve de vir em Belo Horizonte pra receber a senha, porque nos não podia abrir a senha. Tinha que vir aqui pra a gente informar, vai ter em Poços de Caldas, e demorou uma semana pra ir todo mundo. Eu fui no ultimo dia, o Beto, estudante faculdade de economia, como que chama?

ENTREVISTADORA: Carlos Alberto, o Betinho como que chama?

ENTREVISTADORA 2: Duarte.

LUIS GONZAGA: Não sei se é Alberto Duarte.

ENTREVISTADORA: Betinho Duarte.

LUIS GONZAGA: Fomos juntos, nos puxamos, fomos os últimos. Chegamos lá, estava uma gargalhada geral, chegou deu certo, mas a gente não precisou fazer a senha, porque eles já sabiam quem era a gente, tava uma Kombi na hora que descemos fomos pra Kombi. E estava todo mundo rindo, porque inadvertidamente um velho senhor, sentou no banco e foi ler a folha de São Paulo, e ai os caras perguntaram onde era o correio, ele falou não sei, pergunta ali, pergunta outro aqui, e tal no quinto ou sexto que perguntou ele pegou o jornal e falou: “mas que porra é essa de todo mundo saber onde é o correio!” E foi debandada geral, os caras correram...

LUIS GONZAGA: Uns foram para longe, outros foram para uma padaria, outros foram para não sei aonde, e ficaram de olho olhando a praça para ver se tinha gente com jornal na mão e tal. Então a gente pensou isso, em 67 não é eu (trecho incompreensível) 23 anos, nunca tinha participado de uma guerra, nunca tinha participado de um serviço secreto, não é, depois então a coragem e a criatividade que fazia a gente sentir...foi um como se tivesse vivendo uma aventura extraordinária, só que uma aventura extraordinária ligado ao futuro do Brasil e isso quanto mais as coisas ficavam difíceis, e quanto mais a gente praticava essa coragem criativa, mais fortalecia as nossas convicções. E quanto mais a gente obtia vitórias, mais mostrava as convicções elas davam resultado, e isso foi inchando de gás, de força, a luta do movimento estudantil. Eu acho que ser parte desse confronto cultural, ser parte dessa...momento de decepção assim com a realidade brasileira e dessa forma tão criativa, era, foi lindo! Eu lembro disso com felicidade, e considero um privilegiado, por ter participado dessa preparação, desses dois congressos, porque ajudar a pensar isso. Porque entre tantas essas coisas, e inventando isso pra mim mesmo não é. e era gostoso essa história, nos estávamos inventando pra história, e era um, uma coisa fascinante, mas a criatividade não ficava só por aí, a criatividade alcançou forma avançadíssima (trecho incompreensível) por exemplo a ação popular, tinha que criar. Eu vou fazer uma melodia a ação popular, foi uma beleza que foi e depois eu ouvi do Gustavo Gutierrez, do Gustavo Borges em companhia do Betinho, o agradecimento deles que a ação popular foi a base da melodia da libertação. (trecho incompreensível), é um movimento teológico de tanta importância no mundo, nos estávamos fazendo um elo sem saber, que teria inclusive (trecho incompreensível) porque a ação popular ela era cristã, de cristãos, não era Marxista, a ideia não vinha do marxismo, não vinha do materialismo histórico, não vinha das contradições do objetivos do capitalismo objera superação através da luta socialista, socialismo da classe operaria. Não era assim, mas a gente queria as mesmas coisas, a gente queria o socialismo a transformação radical do mundo, a liberdade não é, talvez a ação popular fosse das organizações de esquerdas do Brasil..